



PENSAMENTO EUGÊNICO E EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMATIVOS DA NACIONALIDADE BRASILEIRA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Maria Julieta Weber¹

<https://orcid.org/0000-0001-6172-8597>

RESUMO

O artigo trata do pensamento eugênico na educação e sua relação com princípios formativos da nacionalidade brasileira na primeira metade do século XX. A metodologia da pesquisa, documental e bibliográfica, circunscreveu-se ao procedimento analítico de fontes da imprensa escrita. Foram consultadas matérias do *Boletim de Eugenia*, órgão de divulgação do Instituto Brasileiro de Eugenia e da Comissão Central Brasileira de Eugenia, publicadas entre janeiro de 1929 e junho de 1933. Considera-se que os propósitos eugênicos do *Boletim de Eugenia* foram impulsionados por uma intelectualidade letrada, bem posicionada social e politicamente, tendo como um de seus objetivos centrais a interposição pedagógica nos currículos escolares e na formação docente. Verifica-se que a prerrogativa da “educação eugênica” seria selecionar e preservar os quesitos hereditários daqueles considerados geneticamente aptos e úteis à pátria, denominados “bem dotados”.

Palavras-chave: Pensamento Eugênico; Educação; Nacionalidade Brasileira; Imprensa Escrita.

EUGENICS THOUGHT AND EDUCATION: FORMATIVE PRINCIPLES OF BRAZILIAN NATIONALITY IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY

ABSTRACT

The article aims the study of eugenic thought in education and its relationship with formative principles of Brazilian nationality in the first half of the 20th century. The documental and bibliographical research methodology focuses on the analytical procedure of written press sources. Materials from the *Boletim de Eugenia*, the publication of the *Instituto Brasileiro de Eugenia* and the *Comissão Central Brasileira de Eugenia*, published between January 1929 and June 1933, were consulted. It is considered that the *Boletim de Eugenia* purposes were driven by a socially and politically well-positioned literate intellectuality, which had as one of its central objectives the pedagogical interposition in school curricula and in teacher training. It is verified that the prerogative of “eugenic education” would be to select and preserve the hereditary requirements of those considered genetically apt and useful to the country, called “well endowed”.

Keywords: Eugenics Thought; Education; Brazilian Nationality; Written Press.

PENSAMIENTO EUGENÉSICO Y EDUCACIÓN: PRINCIPIOS FORMATIVOS DE LA NACIONALIDAD BRASILEÑA EN LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XX

RESUMEN

El artículo trata sobre el pensamiento eugenésico en la educación y su relación con los principios formativos de la nacionalidad brasileña en la primera mitad del siglo XX. La metodología de investigación, documental y bibliográfica, se limitó al procedimiento analítico de fuentes de prensa escrita. Se consultaron materiales del *Boletim de Eugenia*, organismo oficial del *Instituto Brasileiro de*

¹ Professora Associada na Universidade Estadual de Ponta Grossa e Investigadora Visitante no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. E-mail: <mjbaweber@uepg.br>.

Eugenia y de la *Comissão Central Brasileira de Eugenia*, entre enero de 1929 y junio de 1933. Es considerado que los propósitos eugenésicos del *Boletim de Eugenia* fueron impulsados por una intelectualidad académica, bien posicionada social y políticamente, que tenía como uno de sus objetivos centrales la interposición pedagógica en los currículos escolares y en la formación de profesores. Resulta que la prerrogativa de la “educación eugenésica” sería la de seleccionar y preservar los caracteres hereditarios de aquellos considerados genéticamente aptos y útiles para el país, llamados “bien dotados”.

Palabras-clave: Pensamiento Eugenésico; Educación; Nacionalidad Brasileña; Prensa Escrita.

INTRODUÇÃO

A EUGENÍA tem por fim cooperar para o augmento progressivo dos homens physica, psychica e moralmente sadios; para a diminuição paulatina do contingente dos fracos, doentes e degenerados, — concorrendo, desse modo, para a constituição de uma sociedade mais sã, mais moralizada, em summa, uma humanidade equilibrada, composta de indivíduos fortes e bellos, elementos de paz e de trabalho (KEHL, 1929a, p. 1).

Este estudo trata da produção e circulação do pensamento eugênico no Brasil a partir da análise das matérias do *Boletim de Eugenia*, fundado em 1929, cujo principal idealizador foi Renato Kehl, um dos intelectuais eugenistas mais atuantes no contexto brasileiro da primeira metade do século XX. Perspectivamos o viés sociocultural para a definição de intelectual, de forma a englobar tanto criadores como mediadores, ou seja, compreendemos por intelectual uma acepção cultural que se inscreve na história social e cultural e que evidencia elementos subjetivos em suas mais variadas dimensões, assim como elementos objetivos, reveladores de critérios de pertencimento e de sociabilidades (DOSSE, 2007). As matérias do *Boletim de Eugenia* eram assinadas por intelectuais bem posicionados socialmente, em sua grande maioria médicos, farmacêuticos e professores ligados ao ensino superior, dos quais muitos exerceram funções políticas no período do governo centralizador e autoritário da chamada Era Vargas (1930-1945).

No Brasil, de acordo com o historiador e cientista político José Murilo de Carvalho (2008, p. 65), desde o Império, a educação superior foi um “elemento poderoso de unificação ideológica”. Até meados do século XIX, a grande maioria dessa elite era formada na Universidade de Coimbra, Portugal. O autor aponta, ainda, a elite imperial brasileira como “uma ilha de letrados num mar de analfabetos” (2008, p. 65). Em 1920, no período

republicano, a taxa de analfabetismo era de aproximadamente 75%. A primeira metade do século XX é marcada por movimentos em defesa da educação pública no país, que culminaram em reformas educacionais. Os índices de analfabetismo foram utilizados como argumentos de sustentação para a implantação de projetos educacionais no período do governo de Getúlio Vargas, a exemplo das reformas do ensino secundário através de leis orgânicas que estruturaram um tipo de recrutamento elitizado a partir desse nível de ensino com vista à seleção ao ensino superior (WEBER CORDOVA, 2014). Durante o Estado Novo (1937-1945), a educação foi vinculada às questões de segurança nacional pois, de acordo com a socióloga Helena Bomeny, nacionalizar o ensino tinha como base iniciativas de mobilização controlada, a funcionar como “instrumento eficaz de controle”; e a juventude seria um alicerce para inculcar e “militarizar o pensamento na propagação do ‘abrasileiramento’”; nacionalização do ensino remetia aos próprios princípios de “formação da nacionalidade, tendo embutida nela mesma a questão da centralização, do anti-regionalismo e, se quisermos adiantar, da intolerância com as diferenças” (BOMENY, 1999, p. 152). Segundo o historiador Jerry Dávila, autor do livro *Diploma of whiteness: race and social policy in Brazil, 1917–1945*, publicado em 2003, pesquisar sobre educação e eugenia é atentarmos para as “múltiplas percepções de raça e cor” enquanto “valores vigentes em uma sociedade”. O autor indica que: “a eugenia forneceu um impulso, uma lógica e uma gama de práticas que conformaram a renovação e a expansão da escola pública no Brasil. Poderíamos dizer que o projeto da escola pública universal no Brasil é inseparável da história da eugenia” (DÁVILA, J.; CARVALHO, L. D.; CORRÊA, I. N. C., 2016, p. 230).

É essencial, portanto, tratarmos da produção, circulação e possíveis apropriações da eugenia, notadamente na área da educação, e que no presente artigo restringimos à análise do *Boletim de Eugenia*. Consideramos que os estudos voltados para questões alusivas à recepção e circulação de ideias precisam ser apreendidos, conforme refere o historiador Roger Chartier (1991, p. 44), a partir de seus “usos” e “interpretações”, de forma a sustentar “práticas específicas” de produção, que por sua vez remetem às “condições” e aos “processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção de sentido”. Interessa, assim, abordar as possíveis dimensões de apropriação da eugenia no Brasil, notadamente a partir da produção do grupo de intelectuais que atuou na redação e na divulgação do referido

Boletim de Eugenia. Tais posições da intelectualidade brasileira corresponderam ao que se pode compreender por mediação cultural, no intento de institucionalizar ações que legitimassem o princípio eugênico como formador da própria nacionalidade brasileira. Justamente por serem sujeitos bem posicionados socialmente e portadores do que o sociólogo Pierre Bourdieu (1996) definiu por “linguagem autorizada”, as suas proposições eugênicas foram legitimadas na condição de discursos científicos definidores, inclusive, de critérios identitários.

Um dos pontos que evidencia as mencionadas tomadas de posição reside na própria fundação do Instituto Brasileiro de Eugenia e da Comissão Central Brasileira de Eugenia, cujas ideias foram fomentadas por meio de publicações do *Boletim de Eugenia*. É necessário também salientarmos que o contexto da primeira metade do século XX foi bastante significativo para a produção do pensamento eugênico no Brasil e no mundo. Disso é exemplo a fundação de diversas entidades representativas de uma intelectualidade voltada para os estudos eugênicos, dentre as quais, citamos: Sociedade de Higiene Racial (*Gesellschaft für Rassenhygiene*, Alemanha [1905]); Sociedade de Educação Higiênica (*Eugenics Education Society*, Inglaterra [1907]); Escritório de Registros sobre Eugenia (*Eugenics Record Office*, Estados Unidos [1910]); Sociedade Eugênica Francesa (*Société Eugénique Française*, França [1912]); Instituto Estatal de Biologia Racial (*Statens institut för rasbiologi*, Suécia [1922]); Sociedade Eugênica Mexicana para o Melhoramento da Raça (*Sociedad Eugénica Mexicana para el Mejoramiento de la Raza*, México [1931]); Associação Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social (*Asociación Argentina de Biotipología, Eugenésia y Medicina Social*, Argentina [1932]); e Sociedade Portuguesa de Estudos Eugênicos, Portugal (1937).

Pesquisar sobre a eugenia requer adentrarmos ao complexo debate sobre raça e cultura e problematizar distintos movimentos intelectuais em diferentes países e em temporalidades específicas, bem como discernirmos sobre as interposições entre eugenia e higiene social e seus possíveis desdobramentos na atualidade. Debates, portanto, demarcados por concepções científicas divergentes no próprio campo das ciências sociais e, mais especificamente, da antropologia. Em Portugal, conforme evidencia a antropóloga Patrícia Ferraz de Matos, o processo de institucionalização da antropologia deve ser entendido nas “dimensões biológica e sociocultural”, inserido:

[...] num processo alargado do desenvolvimento de organizações científicas e de disciplinas que emergiram, ou cujo estudo se expandiu, nos finais do século XIX, como a geologia, a arqueologia, as ciências naturais e a medicina, por um lado, e a filologia, a história, a etnologia e a etnografia, por outro. Tal processo esteve vinculado a **factores de natureza política e ideológica**. Entre estes merecem destaque as preocupações relativas à construção e consolidação do império colonial e as **respeitantes ao conhecimento das origens, identidade étnica e práticas culturais** do povo português (MATOS, 2012, p. 36, grifo nosso).

A autora supracitada assinala também a relação com a educação ou, mais especificamente, com uma “antropologia pedagógica” na veiculação de ideias nacionalistas de cunho eugênico e higiênico no contexto português. O historiador Richard Cleminson (2016) adverte para a necessidade de atentarmos para o risco metodológico de homogeneizar conceitualmente a eugenia. Ao abordar a “eugenia latina”, bem como suas continuidades e descontinuidades, acentua que, em Portugal, podemos verificar diferentes tipos de movimentos eugênicos e que algumas formas latinas de eugenia foram empregadas particularmente às questões afetas à miscigenação e à higiene familiar e pré-natal. Assinala também aproximações com uma eugenia racial adotada do norte da Europa, assim como de uma eugenia mais do tipo germânico, que ao ancorar-se na recorrência à higiene social, acabava mesmo por compartilhar pontos em comum com a própria eugenia latina.

Nesse ponto, é importante citarmos Eusébio Tamagnini, um dos expoentes do pensamento eugênico em Portugal, professor e dirigente da Escola de Antropologia de Coimbra, indicado por António de Oliveira Salazar para o cargo de ministro da Instrução Pública, entre 1934 e 1936, nos primeiros anos do Estado Novo (1933-1974). Interessante notarmos que Eusébio Tamagnini fundou a Sociedade Portuguesa de Estudos Eugênicos em 1937; no entanto, os estatutos da citada sociedade já estavam aprovados desde 1934, justamente no período em que esteve à frente do referido ministério. Um de seus interlocutores, Renato Kehl, idealizador e divulgador do movimento eugênico no Brasil, projetou reformas higiênicas e sanitárias, atuando no Departamento Nacional de Saúde Pública e na direção da Bayer no Brasil. Tanto Eusébio Tamagnini como Renato Kehl aproximavam-se de uma eugenia apelativa às questões afetas à genealogia e à hereditariedade como causas maiores dos males supostamente entendidos como

degenerativos da sociedade. Afinal, como Renato Kehl mesmo frisava referenciando-se a Francis Galton: “Quem é bom já nasce feito!” (Kehl, 1929b, p. 1).

Os historiadores Marius Turda e Aaron Gillette (2014) estabelecem comparativos entre ideias e práticas eugenistas em diferentes países do que apontam como uma comunidade cultural, formadora de uma identidade latina (*latinité* em francês; *latinità* em italiano; *latinidad* em espanhol; *latinitate* em romeno), cujos eugenistas justificavam pertencimentos à antiga civilização romana, alicerçados nas concepções de modernidade francesa e italiana. Os autores especificam contraposições da eugenia nórdica e anglo-saxônica com a eugenia praticada em países da América Latina que, politicamente autoritários e predominantemente rurais, empenharam-se, desde o final do século XIX, em integrarem pautas relacionadas aos avanços da ciência, da medicina e da tecnologia. Justamente aí residiriam os argumentos de melhoramento humano, ainda que não necessariamente voltados para os mesmos pressupostos, notadamente no que diz respeito ao entendimento de raça e de classe.

A historiadora Nancy Leys Stepan (2005, p. 15) discorre sobre a ocorrência da fundação de entidades eugênicas e da ocorrência de congressos, movimentos e órgãos de divulgação da eugenia em distintos países da América Latina. Especifica que a eugenia foi “um projeto discursivo que dava uma estrutura para prescrição cultural e investigação médico-moral” e que, no Brasil, ciência, modernidade e progresso foram alguns dos valores mais difundidos por intelectuais geneticistas que buscavam incutir valores de “raça” e hereditariedade contra o que se alegava como problemas sociais de degeneração, frequentemente alicerçados por argumentos ligados à higiene social e saneamento.

No Brasil, o tema da eugenia tem sido objeto de investigação de várias pesquisas. No acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDDBT), se delimitarmos o campo de busca pelos caracteres “eugenia” e “educação”, tomando como base de busca o “assunto”, surgem 17 trabalhos e podemos verificar o seguinte demonstrativo, conforme o Quadro 1:

QUADRO 1 – TESES E DISSERTAÇÕES (BDDBT): “EUGENIA” E “EDUCAÇÃO”

N.	ANO	NÍVEL	AUTOR(A)	TÍTULO
1	2020	D	MELO, V. D.	DISCURSOS EUGÊNICOS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA À LUZ DA ARQUEOLOGIA DO SABER DE MICHEL FOUCAULT

2	2018	D	PIZOLATI, A. R. C.	DISCURSO EUGÊNICO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (1927, CURITIBA/PR – BRASIL)
3	2015	D	SILVA, M. D. P.	MARCAS EUGÊNICAS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO SÉCULO XIX
4	2014	T	ARANTES, A. S.	PROCESSOS DE RACIALIZAÇÃO NAS ESCOLAS PRIMÁRIAS PERNAMBUCANAS (1911-1945)
5	2013	D	BEZERRA, M. R.	ORIENTAR ESPÍRITOS; FORMAR CIDADÃOS: O SANEAMENTO DA NAÇÃO EM CARTILHAS DE HIGIENE (1920/1930)
6	2013	D	KINOSHITA, C. T.	UM D. QUIXOTE CIENTÍFICO A PREGAR PARA UMA LEGIÃO DE PANÇAS: MANUAIS ESCOLARES DE HIGIENE À SOMBRA DA EUGENIA (1923-1936)
7	2013	D	SCHNEIDER, E. M.	O ESTUDO DO MOVIMENTO EUGÊNICO E A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E IDEOLOGIA POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO CONTINUADA
8	2013	D	SILVA, D. C. R.	SOCIEDADE DE CONTROLE E MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO: CARTOGRAFANDO AS PRÁTICAS DE UM PSICÓLOGO NAS ESCOLAS DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO RIO DE JANEIRO
9	2012	D	FELICIO, L. A.	A MORALIZAÇÃO DO SEXO: OS DEBATES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL PARA O PROJETO DE NAÇÃO BRASILEIRA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 1927
10	2011	T	SIDNEY, A. F.	EDUCAÇÃO, AUTORITARISMO E EUGENIA = EXPLORAÇÃO DO TRABALHO E VIOLÊNCIA À INFÂNCIA DESAMPARADA NO BRASIL (1930-1945)
11	2010	T	ROCHA, C. A. R.	A RE-SIGNIFICAÇÃO DA EUGENIA NA EDUCAÇÃO ENTRE 1946 E 1970: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO EUGÊNICO NA FORMAÇÃO DOCENTE
12	2010	T	SANTOS, C. O.	A REGULAÇÃO POLÍTICA DA SEXUALIDADE NO ÂMBITO DA FAMÍLIA POR SABERES E INSTITUIÇÕES MÉDICAS BRASILEIRAS: 1838-1940
13	2009	T	LAROCCA, L. M.	HIGIENIZAR, CUIDAR E CIVILIZAR: O DISCURSO MÉDICO PARA A ESCOLA PARANAENSE (1886-1947)
14	2009	T	PAGAN, A. A.	SER (ANIMAL) HUMANO: EVOLUCIONISMO E CRIACIONISMO NAS CONCEPÇÕES DE ALGUNS GRADUANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
15	2008	D	SILVA, A. L. S.	A PERFEIÇÃO EXPRESSA NA CARNE: A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROJETO EUGÊNICO DE RENATO KEHL - 1917 A 1929
16	2004	D	OLIVEIRA, M. T.	PRESCRIÇÕES MÉDICAS SOBRE HIGIENE E SEXUALIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO: 1920 – 1930
17	2001	D	GERALDO, E.	ENTRE A RAÇA E A NAÇÃO: A FAMÍLIA COMO ALVO DOS PROJETOS EUGENISTA E INTEGRALISTA DE NAÇÃO BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

Fonte: BDBT - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Notas: D = Dissertação – T = Tese

No que se refere à busca por “Renato Kehl” e “Boletim de Eugenia”, tomando como base de busca o “título”, foram encontrados 8 trabalhos, conforme o Quadro 2:

QUADRO 2 – TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD): “RENATO KEHL” E “BOLETIM DE EUGENIA”

N.	ANO	NÍVEL	AUTOR(A)	TÍTULO
1	2017	T	MUNARETO, G. D.	A CIÊNCIA COMO REGENERADORA DA NAÇÃO: EUGENIA E AUTORITARISMO NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA, AZEVEDO AMARAL, RENATO KEHL E BELISÁRIO PENNA
2.	2016	D	PRIOR, T.	HEREDITARIEDADE, PROGRESSO E DECADÊNCIA NO PENSAMENTO MÉDICO-EUGENISTA DE RENATO KEHL
3	2015	D	GÓES, W. L.	RACISMO, EUGENIA NO PENSAMENTO CONSERVADOR BRASILEIRO: A PROPOSTA DE POVO EM RENATO KEHL
4	2010	T	ROCHA, S.	EUGENIA NO BRASIL: ANÁLISE DO DISCURSO "CIENTÍFICO" NO BOLETIM DE EUGENIA: 1929-1933
5	2008	D	SILVA, J. I. O.	POR UMA EUGENIA LATINO-AMERICANA: VICTOR DELFINO E RENATO KEHL
6	2008	D	SILVA, A. L. S.	A PERFEIÇÃO EXPRESSA NA CARNE: A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROJETO EUGÊNICO DE RENATO KEHL - 1917 A 1929*
7	2006	D	SOUZA, V. S.	A POLÍTICA BIOLÓGICA COMO PROJETO: A EUGENIA NEGATIVA E A CONSTRUÇÃO DA NACIONALIDADE NA TRAJETÓRIA DE RENATO KEHL (1917-1932)
8	2005	D	SANTOS, A. R.	QUANDO A EUGENIA SE DISTANCIA DO SANEAMENTO: AS IDÉIAS DE RENATO KEHL E OCTÁVIO DOMINGUES NO BOLETIM DE EUGENIA

Fonte: BDBT - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Notas: D = Dissertação – T = Tese

(*) Trabalho registrado também para o campo de busca “eugenia” e “educação”, assinalado no Quadro 1.

Pretendemos contribuir para este debate ao evidenciarmos a relação do pensamento eugênico com a educação, de forma a buscar o sentido de suas repercussões e projeções para o ambiente escolar, mas também compreendendo que os processos formativos perpassam pela própria constituição familiar. As proposições eugênicas referem-se à hereditariedade enquanto fundamento para uma dita ciência eugênica, questões essas que, por certo, incidiram nos princípios formativos da nacionalidade brasileira na primeira metade do século XX. A relevância em se pesquisar objetos que tratam de pretensas superioridades culturais está em compreender que ideias de fundo racial e seletivo se constituem em amálgamas de pensamentos autoritários, pois expressam enraizamentos históricos que reverberam na atualidade pela intolerância às diferenciações culturais, servindo-se, inclusive, de base para plataformas governamentais autoritárias, que ressurgem em diferentes configurações e lugares na atualidade.

A metodologia da pesquisa, documental e bibliográfica, circunscreveu-se ao procedimento analítico de fontes da imprensa escrita. Foram consultadas matérias do *Boletim de Eugenia* publicadas entre janeiro de 1929 e junho de 1933. As citações referenciadas foram transcritas conforme a publicação original, ou seja, de acordo com a grafia das fontes.

A EDUCAÇÃO EUGÊNICA NO BOLETIM DE EUGENIA: PRINCÍPIOS FORMATIVOS DA NACIONALIDADE BRASILEIRA

EUGENIA E PATRIOTISMO

O Brasil será o Brasil da nossa aspiração, será o grande Brasil de amanhã, quando nelle se implantar a consciencia sanitaria e civica, quando todos brasileiros souberem zelar a saude physica e phychica, quando todos os brasileiros, enfim se tornarem aptos para o trabalho e para a cidadania.

Eis, por que, nos esforçamos pela propaganda eugenica.

(EDGAR, 1929, p. 3).

O campo educacional é um importante agregador de intercâmbios, particularidades culturais, intervenções políticas e sociais, e desempenha um papel fundamental na difusão e apropriação de princípios formativos da nacionalidade. A história da educação no Brasil está permeada de complexos e abrangentes processos no que se refere ao sentido de educar e civilizar, elementos que convergem nas proposições do Estado ou de perspectivas concernentes à relação entre moralidade e normatização social. A historiadora

da educação Carlota Boto trata a questão da racionalidade escolar enquanto processo e movimento que “captura almas” (2010, p. 36). Ou seja: “Estratégias escolares de instrução, formação e civilização instituem maneiras de preparar a infância e a adolescência para habilidades e saberes que lhes serão, por suposto, requeridos na vida adulta” (BOTO, 2010, p. 37). Ao se incutirem ideias fundantes como pátria e família, pois “civilizar é indicar um caminho dirigido a um *telos*; e a escola é uma forma específica de civilizar”, a escola precisa ser compreendida, por conseguinte, para além de seus muros, como alicerce da vida social ou “passaporte para o mundo dos adultos” (BOTO, 2010, p. 37). Nessa direção, abordar o tema da instrução escolar é ter em conta a complexa relação, na história da educação, entre educar e civilizar, ou ainda, entre os saberes escolares e os seus desdobramentos na vida social. É por esse prisma que foram abordados alguns dos aspectos educacionais recorrentes no *Boletim de Eugénia*.

Até ao n.º 5, o *Boletim de Eugénia*, de publicação mensal, sob a direção e propriedade do médico e professor Renato Kehl, assim nominava-se no início da primeira página “EDITADO EM PROPAGANDA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EUGENIA”, com sede na cidade do Rio de Janeiro, que era, naquele contexto, capital federativa do Brasil. A partir do n.º 6, foi publicado como separata da *Revista Medicamenta*, esta última direcionada especialmente para o público especializado constituído por médicos e farmacêuticos. Do n.º 27 ao 42, o *Boletim de Eugénia* intitulava-se como publicação oficial da Comissão Central Brasileira de Eugenia, enquanto uma agremiação de dez membros, dentre os quais Renato Kehl e Belisário Penna, médico atuante na reforma sanitária brasileira nas primeiras décadas do século XX. A partir do n.º 37, de publicação trimestral, doravante sob a direção de Renato Kehl, Octavio Domingues e Salvador de Toledo de Piza Junior, a sede da redação passava a ser na cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo.

Renato Kehl, em janeiro de 1929, abriu o primeiro número do *Boletim de Eugénia*, sob o título “O Nosso Boletim”, colocando no subtítulo uma menção ao Instituto Brasileiro de Eugenia e direcionando uma mensagem ao público leitor quanto aos objetivos do periódico: servir-se de instrumento de divulgação para a “propaganda dos ideais eugenicos”, conforme se lê no trecho a seguir:

Têm os leitores o primeiro número do Boletim de Eugénia. Aparece modestamente: pequeno formato, poucas páginas. Promette pouco. Deseja,

apenas, auxiliar a campanha em prol da Eugénia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam, também, orientar-se sobre o momentoso assumpto. Apresentará, para atender a todos, pequenos artigos científicos, ao lado de outros, de simples vulgarização (KEHL, 1929c, p. 1).

Referenciava-se na teoria de Francis Galton (1822-1911), naquilo que denominava como “valorização integral dos homens”, atribuindo a necessidade de divulgação do pensamento eugênico à forma de “Aperfeiçoar as qualidades e reduzir ao mínimo as imperfeições humanas”. Assim,

É necessário, entretanto, que a Eugenia, a exemplo do que se faz em outros países, desperte ainda maior interesse, mais sérias preocupações, seja mais cultivada e applicada, porque, indubitavelmente, é a chave magna da regeneração humana. Prendem-se os seus designios ao estudo e applicação das questões da hereditariedade, descendencia e evolução, bem como as questões relativas ás influencias do meio, economicas e sociaes; está dentro da sua esphera investigar o papel representado pela educação, costumes, emigração, immigração, mestiçagem, e todos os demais factores que atuam sobre os nossos semelhantes, — com o fito não só de derivar novos conhecimentos e de abrir outros campos de investigação, como de estabelecer valiosos ensinamentos e regras praticas para a regeneração continua da especie (KEHL, 1929d, p. 1).

Na edição do n.º 4, a primeira página estampava a foto de Francis Galton, com os seguintes dizeres:

Galton era primo do celebre naturalista Ch. Darwin. Foi um typo perfeito e equilibrado de homem: physicamente, robusto; psychicamente um superior; moralmente, um typo exemplar. Como medico, naturalista, anthropologista e philosopho de grande destaque dedicou-se por muitos annos e com o maior devotamento ao estudo da degeneração humana. Empregou toda a sua magnífica fortuna na fundação do Laboratorio de Eugenia, annexo á Universidade de Londres, o qual se destina ao estudo da hereditariedade e ao archivo de dados estatísticos sobre as condições physicas e mentaes do homem (KEHL, 1929e, p. 1).

Desde os seus primeiros números, a circulação era gratuita, a julgar pela divulgação constante do aviso “O ‘Boletim’ será remettido gratuitamente a quem o solicitar”. Também trazia a seguinte nota: “O Boletim de Eugenia aceita pequenos artigos e notas para serem publicados em suas columnas”. Evidentemente que o teor dos artigos enviados passava por avaliação editorial. Também registraram-se pedidos de contribuição: “Envie dez mil reis ao BOLETIM DE EUGENIA aderindo e auxiliando seu movimento de cultura eugenica no Brasil”.

A edição do n.º 5 apresentava o resultado do Primeiro Concurso de Eugenia, realizado em São Paulo, no qual fora selecionada uma criança de três anos para o primeiro prêmio, sob a orientação do Serviço Sanitário do Estado. Kehl enfatizava a necessidade de fomentar o caráter seletivo dos estudos sobre hereditariedade, visando uma “futura elite nacional de eugenizados”:

Um dos mais importantes problemas da sciencia de Galton consiste na selecção dos «bem dotados», isto é, na escolha dos melhor prendados physica, psychica e mentalmente. Dessa selecção derivam varias conseqüências de valor: em primeiro logar, concorre para aumentar o interesse publico, fazendo com que os paes se esclareçam no tocante á constituição de proles sadias e bellas; em segundo logar, serve para a organização de um ensaio de patronagem da futura elite nacional de eugenizados; finalmente, contribue com preciosos elementos para importantísimos estudos relativos á hereditariedade, ao meio social e familiar, ao cruzamento de raças, etc. (KEHL, 1929f, p. 1).

Sob o título “Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade - A 1.ª Brasileira Eugenizada”, Kehl ressaltava, portanto, a seleção dos “bem-dotados” a partir da própria extensão familiar e, assim sendo, hereditária: “A Ademir conta 3 annos, tem 8 irmãos vivos. 6 tios maternos e 7 paternos, todos sadios” (1929f, p. 1).

Ao percorrermos as matérias publicadas, é possível perceber os propósitos do *Boletim de Eugénia* e o seu intento de institucionalizar a eugenia em currículos escolares por meio de reformas educacionais, as quais deveriam perpassar desde o conteúdo didático à própria formação docente. Evidenciava-se a relação entre escola e sociedade com o propósito editorial de apontar a incumbência do Estado em sanar problemas sociais decorrentes de uma alegada degeneração racial. Reforçava-se o ideal eugênico e a questão da hereditariedade como fator primordial para comprovar cientificamente que a “mistura de raças” prejudicava a evolução social, pois degenerava a espécie humana. Educação e patriotismo foram recorrentemente tratados ao longo das edições publicadas pelo *Boletim de Eugénia*, entre os anos de 1929 e 1933. Destacamos, no Quadro 3, as matérias demonstrativas dessa relação desde o seu título:

QUADRO 3 – *BOLETIM DE EUGENÍA*

N.	ANO	DEMONSTRATIVO DAS MATÉRIAS PUBLICADAS SOBRE EDUCAÇÃO E PATRIOTISMO DESDE O TÍTULO
1	1929	CONFERÊNCIAS ESCOLARES SOBRE EUGENIA
3	1929	EUGENÍA E PATRIOTISMO

		1.º CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA
4	1929	1.º CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA
5	1929	EUGENIA E PATRIOTISMO
6/7	1929	LIÇÕES DE EUGENIA – R. KEHL 1.º CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA EDUCAÇÃO SOCIAL O ENSINO DA BIOLOGIA PARA OS HOMENS POLITICOS
8	1929	OS FUNDAMENTOS SCIENTIFICOS DA EUGENIA O BRASIL E A RAÇA 1.º CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA
9	1929	EDUCAÇÃO E EUGENIA
10	1929	A SELECÇÃO DOS BEM-DOTADOS – PELO PROF. O. DECROLY
11	1929	O ENSINO DA GENETICA NAS ESCOLAS PRIMARIAS
12	1929	AS INSTRUCÇÕES ORGANIZADAS PELA INSPECTORIA DE EDUCAÇÃO SANITARIA DO ESTADO DE S. PAULO PARA O CONCURSO DE EUGENIA
13	1930	OS PROGRAMMAS DE ENSINO E A GENETICA
15	1930	A EUGENIA COMO SCIENCIA E COMO IDEAL SOCIAL
19	1930	NÃO BASTA GRITAR: VIVA O BRASIL! CAUSAS DA DESORGANIZAÇÃO MATRIMONIAL – FALHAS DA EDUCAÇÃO MODERNA INQUÉRITO SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL DA INFANCIA E DA MOCIDADE
20	1930	A PROSPERIDADE DO BRASIL
21	1930	1.000% DE DIVIDENDOS (SOBRE EDUCAÇÃO EUGÊNICA)
22	1930	O LAR E A EDUCAÇÃO SEXUAL DAS CRIANÇAS OS PROBLEMAS EUGENICOS - NA CAMARA DOS DEPUTADOS UM MODERNO PROGRAMMA DE POLÍTICA EUGENICA - EUGENIA NEGATIVA - EUGENIA POSITIVA - EUGENIA PROPHYLACTICA DA RAÇA
23	1930	APPELO AOS PAES E AOS PROFESSORES PRIMÁRIOS
24	1930	INQUÉRITO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL EDUCAÇÃO SEXUAL RESPOSTA DE UMA MÃE - A EDUCAÇÃO SEXUAL DA INFANCIA E DA MOCIDADE 1.º CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA UM BOM LIVRO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL
26	1931	RESPOSTA DE UMA MÃE AO INQUERITO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO COMBATE ÀS DOENÇAS VENEREAS
27	1931	DAS REVISTAS: A NAÇÃO MAIS Sã DO MUNDO - AS DOENÇAS E AS CRIANÇAS - A TENDENCIA FAMILIAR PARA UMA GRANDE ESTATURA - OBESIDADE E DIABETES - EXCEPCIONAES CASOS DE FECUNDIDADE
28	1931	CAMPANHA DA EUGENIA NO BRASIL - UM INTERESSANTE INQUÉRITO A EUGENIA E A REFORMA DO ENSINO
29	1931	O EUGENISMO DAS ELITES A EDUCAÇÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS E A EUGENIA
30	1931	O ENSINO DA EUGENIA NAS ESCOLAS SECUNDARIAS OS PROGRESSOS DA EUGENIA - O CONGRESSO INTERNACIONAL PARA ESTUDOS SOBRE A POPULAÇÃO
31	1931	A EUGENIA NO FUTURO - DO LIVRO DE LEONARD DARWIN "WHAT'S EUGENICS?" (SOBRE A EDUCAÇÃO EUGÊNICA* ESTUDOS GENEALOGICOS - PEDIGREES DE FAMÍLIA FEITOS PELOS ESTUDANTES DE UNIVERSIDADES AMERICANAS POR INICIATIVA DA REVISTA "EUGENICAL NEWS" COMO E ONDE ESTUDAR EUGENIA? LIVROS SOBRE EUGENIA
37	1932	LIÇÕES DE EUGENIA DO DR. RENATO KEHL
39	1932	EUGENIA E EDUCAÇÃO LIMALHAS DE UM EUGENISTA - A EUGENIA E OS RECENTES PROGRAMAS POLITICOS...
40	1932	POPULAÇÃO E CRISE LIMALHAS DE UM EUGENISTA - A EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA EUGENICO - AS IDEIAS EUGENISTAS DE UM MANIFESTO POLITICO NOTAS – EM BENEFICIO DOS “BEM DOTADOS” (BOLSAS DE ESTUDO)
42	1933	UM PROGRAMA PARA A EUGENIA

Fonte: *Boletim de Eugenia*, 1929-1933.

Os propósitos eugênicos aplicados à educação foram frequentemente citados no *Boletim de Eugenia* desde o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, conforme o teor da edição n.º 8, de 1929:

Na primeira sessão o deputado Salles Filho apresentou um valioso trabalho sobre "Politica Eugénica", no qual o autor estudou os problemas referentes á protecção da nacionalidade contra os factores da degeneração, terminando por submeter á apreciação duas conclusões que, depois de discutidas pelos deputados Oscar Fontenelle e Victor Russomano, foram

aprovadas. Entraram depois em discussão as theses do Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães, sob o título "Educação Eugénica", a do Dr. Achilles Lisboa, "Organização pratica da Eugénia", a do Dr. Cesidio da Gama e Silva, "A Educação como complemento primacial da Eugénia" e a do Dr. Carlos Barbosa de Oliveira, denominada "Educação moral e eugénia". Postas em discussão foram todas aprovadas (1.º CONGRESSO, 1929, p. 6).

O debate educacional intensificou-se, especialmente a partir da matéria "Educação e Eugénia", assinada por Renato Kehl, na edição n.º 9, de 1929, onde destaca a necessidade de focar as questões eugénicas em consonância com os ideais da Pedagogia Moderna, difundida no Brasil desde o contexto da chamada Primeira República (1889-1930):

Cada vez mais me inclino a aceitar como axioma o velho ditado "quem é bom já nasce feito" e, assim considerando, avançar, talvez, um paradoxo, dizendo que a humanidade se compõe de tres especies de gente: gente innata e intrinsecamente humana, gente domesticavel e gente doente ou indomável, esta ultima intangível a todos os processos e esforços educativos. A grande maioria, certamente, pertence ás duas ultimas especies. Dentro deste critério, terá a pedagogia moderna de encarar os seus problemas do mesmo modo por que são tidos na medicina os problemas therapeuticos: — considerar o doente antes da doença, e, do mesmo modo, considerar o educando antes da educação que se lhe pretende dar (KEHL, 1929b, p. 1).

A categorização em três espécies de "gente" estabelecia também em que consistiria o papel da educação. À "gente innata" e "humana" deveriam se dispender todos os esforços. Mas à "grande maioria", composta de "gente domesticavel" e "gente doente ou indomável", caberia tratar do "educando antes da educação que se lhe pretende dar", assim como se consideraria "o doente antes da doença". Aos doentes e, portanto, considerados "indomáveis" e "indóceis", Renato Kehl ainda reforçava constituírem-se intangíveis "a todos os processos e esforços educativos". Ao traçar depreciativos no comparativo da psicologia em relação à área da medicina, esta última foi considerada central para projetar o que afinal deveria constituir o caráter modelar do inato ao desempenho educativo a ser planejado, adverte:

[...] em pedagogia, é indispensavel conhecer, não só a personalidade, como também a individualidade, antes de considerar o paciente, que se vae educar. Os methodos educativos modernos baseam-se nas indicações fornecidas pela psychologia. Isto não nos parece sufficiente. Torna-se necessário também os seus caracteres somáticos e constitucionais. A individualidade, como a personalidade, — o modo de sentir, de agir, as tendencias, os costumes, a capacidade intellectual ou physica são reflexos desses caracteres innatos. Eis, porque, a educação esbarra, impotente, em

muitos casos, não conseguindo domesticar um indócil, cuja constituição é resultante de um processo hereditário irremovível. "Quem é bom já nasce feito!"... (KEHL, 1929b, p. 1).

De forma geral, poderiam ser destacados dois pontos centrais da linha argumentativa editorial do *Boletim de Eugénia*: hereditariedade e genealogia. Em diversas matérias, estes dois pontos foram associados à ideia de boa saúde ou de prevenção de doenças como tuberculose, hemofilia, diabetes, câncer, dentre outras, como profilaxias ao que se considerava como causas determinantes de degenerações físicas, muitas vezes identificadas por "aleijões", e psíquicas, como o "idiotismo".

É fundamental salientar o caráter preconceituoso sobre a alegada "mistura de raças", implícito no próprio ideário eugênico. Na edição do n.º 30, de 1931, na matéria intitulada "Cruzamento do branco com o preto", assinada por um docente da Faculdade de Farmácia e de Odontologia de Santos, cidade no estado de São Paulo, o referido "cruzamento" não era "nem razoável nem decente", já que se tratava de um "matrimônio de instintos e não de sentimentos". Pela transcrição a seguir, grifamos alguns indicadores do determinismo na afirmação do negro como "constituente da raça inferior":

É razoável o casamento do branco com o preto? Não, absolutamente, não. E ainda mais, **nem razoável nem decente**. O branco, sempre considerado como raça superior, é orthognatha, tem o angulo facial apurado e o indice cephalico tão exagerado que, sem a menor duvida, marca o sensível afastamento das especies inferiores. Isso prova que o homem tende a evoluir psychicamente, apurando os sentimentos e desprezando os instintos. O negro móra do lado opposto. Como **constituente da raça inferior**, o negro é prognatha, tem o angulo facial exagerado e indice cefálico quasi nullo. Ninguém ignora que o indice cephalico é a expressão da espiritualidade e o angulo facial reflecte a animalidade [...] Da união matrimonial de elementos raciaes tão differentes, só uma deducção poderemos fazer: trata-se de um **matrimônio de instintos e não de sentimentos**. E aqui, o negro tem uma vantagem, porque, na sua qualidade de inferior, mostrou um apuramento de sensibilidade artística. Entretanto o branco, desgraçadamente, deu provas da sua degenerescencia moral, da sua escravidão aos instintos, pois abdicou o direito racial pelo direito erotico-convulsivo da matéria, pelo **grito da bestialidade que caracteriza os sêres inferiores**. Quanto á decencia: vejamos a parte moral. A Eugenia, estabelecendo o perfeito equilíbrio das energias physica e psychica, rege a indispensável harmonia entre a individualidade e a personalidade (SILVA, 1931, p. 3, grifo nosso).

Dentre as matérias recorrentemente abordadas, a temática da educação sexual foi uma das mais publicadas. Saúde e educação sexual foram abordadas de forma constante,

enquanto essenciais para programas de ensino, com vista à verticalização de ações do Estado brasileiro. Na condição de Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia, Renato Kehl assim sintetiza, na edição do n.º 36, de 1931, a eugenia como salvação da humanidade:

A eugenia é o pedestal da religião que tem por escopo a regeneração integral da humanidade. Não visa perseguir fracos, doentes nem degenerados. Ao contrario: ela quer evitar o aparecimento desses infelizes que nascem para morrer, para sofrer e para sobrecarregar a parte produtiva da coletividade. Constitue a verdadeira ciência da felicidade porque se esforça pela elevação moral e fisica do homem, afim de dotá-lo de qualidades ótimas, de fornecer-lhe elementos de paz na familia, na sociedade, na humanidade (KEHL, 1931, p. 8).

Numa nota publicada no ano de 1932, a defesa de bolsas de estudo, “em benefício dos bem dotados”, é esclarecedora do caráter preconceituoso sustentado em argumentos de caráter científico e numa suposta naturalização da existência de “tipos” supostamente mais capacitados e, logo, de “tipos” menos capacitados:

EM BENEFICIO DOS “BEM DOTADOS”

(Bolsas de estudos)

Tambem os “bem dotados” precisam de amparo publico. Via de regra a filantropia só cuida dos degenerados, dos doentes, dos debeis mentais, sem capacidade para vencer na luta pela vida. Em consequencia dessa *injustiça*, muitos “bem dotados” fracassam, aumentando o contingente de *pesos mortos* da coletividade. Tudo que se fizer, pois, em favor dos “bem dotados” redundará numa filantropia seletiva, o que equivale dizer, no progresso do genero humano (ANÓNIMO, 1932, p. 94).

É essencial assinalar o caráter elitista da denominada educação eugênica, que tinha como prerrogativa tornar-se um recurso a ser utilizado para selecionar e proporcionar melhores condições de ensino aos chamados “bem dotados”, de maneira a reforçar os quesitos da hereditariedade e da genealogia com base nos fundamentos da medicina e da biologia racial. A defesa de bolsas de estudo “Em benefício dos bem dotados”, seguia a linha do “quem é bom já nasce feito” ou do “pedigree humano” ou “pedigrees de família”, em contraposição aos alegados “pesos mortos da coletividade”, “degenerados, doentes, debeis mentais, sem capacidade para vencer na luta pela vida”.

À educação eugênica caberia a missão civilizadora de selecionar e preservar os quesitos hereditários daqueles considerados geneticamente aptos e úteis à pátria. Cidadãos sadios e brancos ou, se quisermos ser mais precisos, brancos sadios que “nascem feitos”, logo

fortes, belos, eugênicos! A famigerada e condenável mistura de raças encontra outras ramificações no pensamento social brasileiro, inclusive na vertente de discursos em prol do saneamento e da higiene social. Ressaltamos alguns aspectos do pensamento eugênico no Brasil, de forma a considerar a relação com a educação no que se refere à formação de princípios de nacionalidade na primeira metade do século XX. Na raiz dessa formação é importante salientarmos que as proposições eugênicas, tratadas no *Boletim de Eugenia*, pautaram-se por elementos de seletividade, dentre os quais critérios de cor essencialmente permeados pela estruturação de desigualdades sociais e, por conseguinte, escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber a eugenia do ponto de vista da cultura política implica necessariamente compreender o alcance do pensamento eugênico no seio da própria intelectualidade brasileira, seja nas instituições escolares, acadêmicas e científicas, seja na esfera política e no fomento aos meios de comunicação, o que, no caso da presente pesquisa, foi a imprensa escrita. É fundamental desconstruirmos o caráter de neutralidade daquilo que se demonstrava enquanto princípio científico na difusão de ideias eugênicas e que orientava princípios concernentes à formação social e histórica. Porém, tomando por base medidas sanitárias e de higiene social, essas ideias produziram e fizeram circular questões de cunho nacionalista que, lamentavelmente, sedimentaram o enraizamento de preconceitos de ordem supostamente racial, sendo que alguns ainda repercutem na forma de intolerância cultural e política.

Em resultado deste estudo, consideramos que os propósitos eugênicos do *Boletim de Eugenia* foram pautados por princípios formativos, impulsionados por uma intelectualidade letrada, bem posicionada social e politicamente, tendo como um de seus objetivos centrais a interposição pedagógica nos currículos escolares e na formação docente. Ressaltamos a incidência do caráter elitista com base no que julgavam ser prerrogativa da “educação eugênica”, a saber, um recurso necessário para selecionar e proporcionar melhores condições de ensino aos considerados “bem dotados”, pois o quesito hereditariedade, com base na “biologia racial”, prevaleceria sobre as condições que o meio educacional porventura pudesse proporcionar.

No atual contexto brasileiro, a não aceitação, por uma considerável parcela da população, de políticas públicas que fomentem a inclusão em seus mais diferenciados segmentos, a exemplo da implantação de ações afirmativas pelo sistema de cotas nas universidades, por certo encontra suas raízes no pensamento eugênico da primeira metade do século XX. Finalizamos com indagações que ainda persistem em um Brasil de extensão continental e que figura como um dos países que apresenta um dos índices mais elevados de concentração de renda do mundo: quem, de fato, pode usufruir da condição de cidadania no Brasil? Que genealogias ainda prevalecem? Qual a cor daqueles que têm acesso às carreiras educacionais mais elevadas? Perguntas necessárias para respostas que requerem urgência.

REFERÊNCIAS

- ANÓNIMO, EM BENEFÍCIO dos “bem dotados”. *Boletim de Eugenia*. Piracicaba-SP. v. 4, no. 40, p. 94, out-dez. 1932.
- BOMENY, H. M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 137-166.
- BOTO, C. A racionalidade escolar como processo civilizador: a moral que captura almas. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 23, no. 2, p. 35–72, 2010. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13986>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CARVALHO, J. M. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, no. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- CLEMINSON, R. M. *Between Germanic and Latin eugenics: Portugal, 1930-1960*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 23, no. 1, p. 73-91, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702016000500005>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- 1.º CONGRESSO Brasileiro de Eugenia. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 8, p. 6, ago. 1929.
- DÁVILA, J. *Diploma of whiteness: race and social policy in Brazil, 1917-1945*. London: Duke University Press, 2003.
- DÁVILA, J.; CARVALHO, L. D.; CORRÊA, I. N. C. Eugenia e educação no Brasil do século XX: entrevista com Jerry Dávila. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2016, v. 23, no. 1, p. 227-234, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702016000500013>. Acesso em: 18 mar. 2022.

DOSSE, F. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. València: Universitat de València, 2007.

EDGAR, J. Eugénia e patriotismo. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 3, p. 3, março. 1929.

KEHL, R. A Eugénia. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 4, p. 1, abril. 1929a.

KEHL, R. Educação e eugénia. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 9, p. 1, set. 1929b.

KEHL, R. O nosso Boletim. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 1, p. 1, jan. 1929c.

KEHL, R. Propósitos. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 1, p. 1, jan. 1929d.

KEHL, R. Sir Francis Galton. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 4, p. 1, abril. 1929e.

KEHL, R. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 1, no. 5, p. 1, maio. 1929f.

KEHL, R. Saibam todos.... *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 3, no. 36, p. 8, dez. 1931.

MATOS, P. F. de. **Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto**: contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX). Tese (Doutorado em Ciências Sociais. Especialidade: Antropologia Social e Cultural), Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 2012.

SILVA, L. L. Cruzamento do branco com o preto. *Boletim de Eugénia*. Rio de Janeiro, v. 3, no. 30, p. 3, jun. 1931.

STEPAN, N. L. **A hora da eugénia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TURDA, M.; GILLETE, A. *Latin eugenics in comparative perspective*. London: Bloomsbury, 2014.

WEBER CORDOVA, M. J. A teoria sociológica de Durkheim e a linguagem autorizada escolanovista: verticalização do ensino a partir do contexto histórico getulista. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 9, no. 1, p. 2-26, 2014. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3807>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

Revisão gramatical pelo próprio autor.

RECEBIDO 13 DE MAIO DE 2022.

APROVADO EM 20 DE JUNHO DE 2022.